
Das cinzas da estação Belém

Denise de Alcantara



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/14872>

DOI: 10.4000/espacoeconomia.14872

ISSN: 2317-7837

Editora

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Referência eletrônica

Denise de Alcantara, « Das cinzas da estação Belém », *Espaço e Economia* [Online], 19 | 2020, posto online no dia 25 agosto 2020, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/14872>

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 setembro 2020.

© NuPEE

Das cinzas da estação Belém

Denise de Alcantara

NOTA DO AUTOR

Este texto, que nasceu como um suspiro de pesar, foi tornado público originalmente no Portal da UFRRJ no dia 27/07/2020, disponível em <http://portal.ufrrj.br/das-cinzas-da-estacao-de-belem>.

- 1 O fogo é feroz, consome com avidez. O fogo destrói, florestas, vidas, bens. O fogo sufoca a história, mais uma vez.
- 2 A Estação de Trem, o símbolo, talvez único e sem dúvida o mais significativo, da evolução urbana de Japeri, hoje foi arrasado pelas chamas. Em poucas horas, o patrimônio histórico ferroviário se desintegrou.
- 3 Tombado pelo IPHAN e havia anos abandonado pela Supervia, desde 2018 o edifício estava sendo recuperado pela prefeitura após disputa judicial, com as obras em etapa de conclusão.

Figura 1 : Estação Belém em Japeri



Fonte : Foto da autora, março de 2018.

- 4 A que se deve o fogo? Seria criminoso? Um balão caído, uma fagulha, uma guimba lançada a esmo? Uma intenção velada pela madrugada escura e fria de um domingo de inverno seco?
- 5 Nossa Senhora Virgem de Fátima por anos a seu lado esteve, mas presa e enjaulada, protegida de vandalismos e maldades alheias, não pode proteger o edifício do destino fatal.

Figura 2 : Nossa Senhora Virgem de Fátima.



Fonte : Foto de Fernanda Marchon, dezembro de 2018.

- 6 O fogo é simbólico. Do descaso, da negligência, do desapego com a história, com a memória, com o bem público, a cultura. As técnicas da restauração falharam quando não previram nem evitaram o potencial das chamas. O edifício histórico, que guardava a dignidade de uma era, sucumbiu sem socorro, sem compaixão, sem salvação. O investimento na recuperação, tampouco garantiu sua permanência.
- 7 Único e imponente edifício representante de uma era erigido em 1858, seu primeiro nome foi Estação Belém. A técnica de enxaimel inspirava-se nas construções do norte europeu com estrutura em pilares e caibros de madeira, emoldurando a vedação em tijolo cerâmico maciço. O telhado recoberto por telhas francesas originais se dividia em quatro águas nos três elementos que configuravam a bela estação. Do corpo único e longo no primeiro piso, sobressaíam, no segundo piso, dois corpos laterais distintos, também recobertos em quatro águas encimadas por mansardas. As fachadas evidenciavam em desenhos geométricos a estrutura em madeira, as mãos francesas e os apliques. Sua relevância arquitetônica e histórica é inquestionável.

Figura 3 : Casarão da Estação Belém.



Fonte : Foto da Autora, dezembro de 2018.

- 8 Para quem a conhecia, o habitante, os filhos da cidade, e mesmo para nós forasteiros que enxergam as potências do lugar, o incêndio da Estação Belém tem para Japeri um peso relativo ao que a perda da sede do Museu Histórico Nacional representa para o Rio de Janeiro.
- 9 A imagética de Japeri construída pela mídia, alimentada pelas tristes notícias cotidianas que exploram a pobreza, a violência e o crime no lugar, ganha mais essa triste manchete. A Estação Belém, quase pronta para recuperar seu uso e esplendor, transforma-se em cinzas.
- 10 É mais um retrato de um país em chamas, é mais um exemplo do descaso, da negligência, do descuido com o que é público, com o que deveria ser resguardado e protegido: a cultura, a história, o patrimônio, o ambiente, a saúde, a educação, enfim, o bem-estar da população.
- 11 Talvez das tristes cinzas ainda possam brotar sementes de esperança. A esperança que habita em cada coração japeriense, em suas memórias afetivas, em sua história de lutas e de movimentos sociais, na coesão social que segue como fio condutor de superação de tantas adversidades e privações.
- 12 Que essa perda material transformada em cinzas não seja em vão. Que faça renascer em cada ser o sentido de pertencer e defender o que é de todos por meio da ação coletiva, da participação e da inclusão.
- 13 Em 19/07/2020.

BIBLIOGRAFIA

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. Estação de Japeri. Página da Internet. Disponível em http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_linha_centro/japeri.htm Acesso: 22/5/2019.

MEDEIROS, L. Lugares de Memória dos Trabalhadores #23: Pedra Lisa, Japeri (RJ). 2020. Disponível em <https://lehmt.org/2020/03/05/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-23-pedra-lisa-japeri-rj-leonilde-servolo-de-medeiros/>

REIS, E.; ALCANTARA, D. Patrimônio, Identidade e Territorialidade: o SIG na proposta de uma nova imagética para Japeri. In Anais do 3o. Simpósio Científico ICOMOS/BRASIL. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

AUTOR

DENISE DE ALCANTARA

Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas e Pesquisadora Líder do Grupo GEDUR, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Mestre e Doutora pelo PROARQ-UFRJ e Bolsista de Produtividade JCNE-FAPERJ com a pesquisa Territórios e Paisagens Perimetropolitanos: conflitos e desigualdades sócio-espaciais e cenários prospectivos no Rio de Janeiro na perspectiva da Nova Agenda Urbana 2030. A autora coordena e desenvolve junto ao Grupo GEDUR-UFRRJ pesquisa abrangente sobre os conflitos e desigualdades sócio-espaciais e questões urbanas sob a perspectiva da Agenda 2030 no Oeste Metropolitano (financiado com Bolsa JCNE FAPERJ E-26/202.706/2018). E-mail: denisedealcantara@gmail.com.